



Tradição e Modernidade em *Pium* de Eli Brasiense

Gustavo Henrique Santana de Oliveira¹ (IC)*, Maria de Fátima Oliveira (PQ)

¹ Universidade Estadual de Goiás (CSEH). oliveiragu59@gmail.com

Resumo: Pretendemos apresentar no presente artigo os aspectos vinculados aos conceitos de Tradição e de Modernidade na obra do escritor goiano Eli Brasiense, com destaque para o romance *Pium*. Para tanto, faz-se mister uma reflexão teórica preliminar acerca do diálogo entre a Literatura e a História, exposto aqui a partir de pressupostos da História Cultural, utilizando a literatura como fonte para a investigação histórica. Ao nos referirmos à Modernidade, recorreremos à conceitualização proposta por Anthony Giddens. A partir dessas orientações destacamos a relação entre o que é narrado na literatura de Eli Brasiense, e os vestígios históricos acerca das transformações dessa sociedade goiana no século XX.

Palavras-chave: Garimpo. Literatura. Ruptura. Modernidade.

Introdução

Recorreremos no presente trabalho, ao cabedal teórico fornecido pela História Cultural, refletindo os encontros e desencontros entre a História e a Literatura a partir de considerações e conceitos providos principalmente por Sandra Pesavento (2003). A partir desses pressupostos, o objetivo do presente artigo foi o de perceber as fronteiras e diálogos entre a obra literária *Pium* de Eli Brasiense, e a história da região onde atualmente fica a cidade de mesmo nome, no Tocantins. A literatura narra histórias e trajetórias de pessoas imersas em um contexto de ruptura social, econômica e cultural na cidade de Pium. Dentre as dores e os dramas desenvolvidos no enredo, nos concentramos na transição entre a tradição e a modernidade.

Observamos, portanto, nesse artigo, as discontinuidades existentes na sociedade de Pium (TO). Utilizamos o conceito de modernidade a partir de Anthony Giddens, em oposição a um modo de vida tradicional, ainda que esses modos de vida





possam coexistirem. A partir daí, destacamos aspectos relacionados à tradição e modernidade nessa obra literária de Eli Brasiense.

Resultados e Discussão

O objetivo é, a partir do diálogo entre a História e a Literatura, extrair da obra literária *Pium*, considerações significativas ao conhecimento histórico, pois “A literatura registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere.” (BORGES, 2010, p. 98). É possível, então, traçar paralelos evidentes entre o período histórico em que *Pium* passou por transformações decorrentes da valorização do cristal, e a narrativa de Eli Brasiense acerca de pessoas e acontecimentos da cidade de Pium no período da Segunda Guerra Mundial e a da demanda pelos cristais da cidade.

Pium é uma cidade formada a partir do garimpo de cristal. Antes do alvoroço proporcionado pela demanda da rocha era ainda uma região onde pobres famílias de lavradores criavam gado e labutavam contra a improdutividade da terra (SILVA, 2013). Esses moradores eram ainda subjugados ao pagamento de contribuição relativo às terras devolutas nas quais viviam, e o cristal, abundante, era ainda inútil. O fator que provoca a descontinuidade da história do local é a demanda por cristais, necessária para produção de armamento do exército nazista, ocorrida entre o final da década de 30 e começo de 40. A partir de então surge uma intensa agitação e “A estagnação é sacudida pela vinda de garimpeiros, aventureiros, contrabandistas e atravessadores de toda a sorte.” (FREITAS, 2006, p. 164).

O garimpo que iniciara o povoamento do centro-oeste brasileiro no século XVIII, se repete no século XX com as singularidades típicas de um novo contexto, no norte goiano, interessados no cristal de rocha. O que era um pequeno vilarejo de pobres famílias se converte em um centro de atração para os aventureiros que buscavam fortuna e traziam consigo a agitação, o comércio, a vida noturna, a violência, a velocidade. Com isso, um modo de vida é desajustado, a atividade agropastoril





abandonada, e os valores tradicionais dignos de deboche. Essas últimas sensibilidades citadas devem ser norteadoras para o presente estudo.

Sendo assim, o percurso natural deste artigo é o aprofundamento nos conceitos de “tradição” e de “modernidade”, e, para tal empreitada, recorreremos às construções de Anthony Giddens (1991). Sob essa ótica observamos as obras literárias, buscando os aspectos históricos relacionados às discontinuidades presentes no contexto local. Encontramos no evento em estudo características evidentes da chegada da “modernidade” a um determinado espaço. Logo no começo do livro somos lançados àquela realidade hostil e contraditória, entre um movimento que se impunha, e uma população que ali já estava. “Os raros moradores da zona do Pium viram, de boca escancarada, chegar um ror de gente de todas as idades, de todas as profissões, de todas as camadas sociais.” (BRASILIENSE, 2006, p. 22).

O motivo dessa modernização, era a demanda por cristais: “Quando o mundo sentiu apavorado o peso da bota nazista, e experimentou no lombo o cutucar da espora da opressão, ouviu-se um grito quase angustiado, um grito, porém, salpicado de confiança: “Cristal! Deem-nos o cristal, por qualquer preço!” Para aquela terra inculta e má, perdida nos ermos de Goiás, as vistas do mundo se voltaram esperançosas” (BRASILIENSE, 2006, p. 23). É o ponto em que o modo de vida tradicional é rompido pela chegada da agitação e povoamento.

Percorremos estradas ásperas do cerrado goiano junto a Silvestre, em seu caminhão, e acompanhados ainda por Domingos, um caroneiro que compartilha conosco muitas de suas memórias e angústias relacionadas à nova vida da cidade. Somos apresentados à família de Zé do Carmo, que vivia no vilarejo à moda tradicional e que se manteve na cidade na esperança das vantagens da mineração: Zé do Carmo, sua mulher Zefa e sua filha Ritinha. A partir de então o literato narra as desfortunas dessa família. Para lidar com a sobrevivência, o patriarca se debruça sobre as cavas de cristal, convivendo com os desprazeres do trabalho minerador: a miséria, a fadiga, o risco de morte e a perda de amigos. Somado a isso, os perigos próprios dessa sociedade “moderna”: as seduções, os roubos, os malandros





aventureiros, e aproveitadores da ignorância de um povo simples que desconhecia as leis.

A partir da obra *Pium* percebemos reflexos do que Giddens denomina como processo de descontinuidade entre sociedade tradicional e sociedade moderna. A rapidez da mudança como primeiro fator, de forma muito mais dinâmica do que experimentado anteriormente naquela sociedade. A influência de um motivo global, segundo fator apontado por Giddens, sendo percebido com interconexão entre a Alemanha Nazista e a cidade de Pium: a construção de armamentos no continente Europeu sendo responsável pela transformação de uma sociedade no interior goiano. A terceira característica citada é referente a natureza intrínseca das instituições modernas, exemplificada a partir da relação com o dinheiro, que era pouco e se tornou volumoso, porém, o poder de compra permanecia o mesmo. Isso ocorria devido às mudanças que selecionaram o garimpo em privilégio ao antigo trabalho agropastoril, e que, eliminando esta última atividade, se tornaram os moradores reféns de um mercado maior.

Considerações Finais

É possível concluir, portanto, que a utilização da literatura como fonte histórica foi bastante frutífera no caso em estudo. Diante da impossibilidade de destacar as complexidades e contradições da sociedade em sua totalidade, o destaque para os conceitos de tradição e modernidade serviram como norte para o desenvolvimento da história representada por Eli Brasiliense. Sua literatura apresenta fidelidades às transformações estruturais e à realidade social de Pium. Mesmo que os personagens representados sejam modelos genéricos e inexistentes no mundo real, eles refletem sentimentos, costumes e dores singulares, típicas daquela sociedade em transformação.

Tendo em vista os elementos citados, foi possível perceber na obra de Eli Brasiliense, fundamentos para compreendermos as sensibilidades de um tempo em





um determinado local. Como sugerido por Lena Castello Branco no posfácio da 5ª edição de *Pium*: “Nas linhas cruzadas da História e da Literatura, o texto literário tem a dimensão da metáfora do passado, que permite decifrar códigos e evidências.” (FREITAS, 2006, p. 163). Perseguimos, portanto, esses elementos metafóricos representados pelo escritor goiano para perceber as transformações do período.

Agradecimentos

À professora Dra. Maria de Fátima Oliveira, pela paciência e disposição como orientadora. Reitero a importância dessa orientação como componente fundamental em minha iniciação científica, o primeiro dos muitos passos que pretendo efetuar em minha vida acadêmica. Agradeço ainda às instituições que tornaram viáveis a produção desse trabalho: à UEG, e ao CNPq.

Referências

BORGES, V. R. História e Literatura: Algumas Considerações. Goiânia: **Revista de Teoria da História**, ano 1, n.3, junho/2010

BRASILIANSE, Eli. **Pium**. 5ª edição. Goiânia. ICBC, 2006.

FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira de. Histórias de Pium. In: BRASILIANSE, Eli. **Pium**. 5ª edição. Goiânia. ICBC, 2006.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo Editora UNESP, 1991.

MOTTER, A. E. Pium: garimpos e garimpeiros de cristal de rocha do antigo norte de Goiás (1940-1950). Anápolis: **Revista de História da UEG**, v.4, n.2, p. 160-170, ago./dez. 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SILVA, R. S. P. **Um estudo das expressões lexicalizadas na obra Pium de Eli Brasiense**. Dissertação (Mestrado em Linguagem) – Catalão: UFG, 2013

